

No jardim com Roald Hoffmann: Químico e Poeta

CHRISTOPHER DAMIEN AURETTA *

Resumo

A poesia de Roald Hoffmann, químico e poeta, põe em relevo a capacidade humana de abordar o mundo que nos rodeia de modo múltiplo: uma conversa entre estas abordagens divergentes é possível no mesmo ser pensante. Hoffmann explora a relação intensa existente entre a

mente e a matéria, relação essa que constitui o fundamento da nossa identidade como espécie. O que decorre deste olhar poético-científico na poesia de Hoffmann leva-nos a meditar sobre o nosso destino como seres profundamente inquiridores.

Javé Deus plantou um jardim no Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado. Javé Deus fez brotar do solo todas as espécies de árvores formosas de ver e boas para comer. Além disso, colocou a árvore da vida no meio do jardim, e também a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) Javé Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para que o cultivasse e guardasse. E Javé Deus ordenou ao homem: «Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas não podes comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás». (Génesis, 8-17)

Com a dominação absoluta da técnica moderna cresce o poder — tanto a exigência como a eficácia — da língua técnica adaptada para cobrir a latitude de informações mais vasta possível. É porque se desenvolve em sistemas de mensagens e de sinalizações que a língua técnica é a agressão mais violenta e mais perigosa contra o carácter próprio da língua, o dizer como mostrar e fazer aparecer o presente e o ausente, a realidade no sentido mais lato.

Mas porquanto a relação do homem, tanto quanto ao ente que o rodeia e o sustenta como ao ente que é ele próprio,

repousa sobre o fazer aparecer, sobre o dizer falado e não falado, a agressão da língua técnica sobre o carácter próprio da língua é ao mesmo tempo uma ameaça contra a essência mais própria do homem. (Martin Heidegger, "Língua de tradição e língua técnica")

A técnica deve ser subordinada ao espírito, a máquina deve ser um instrumento obediente ao homem, um meio. O que significa a humanização da técnica, que tende a tornar-se desumana. (Nicolas Berdiaeff, "Progresso Técnico e Progresso Moral")

Men (and women) are not/as different from molecules/as they think. (Roald Hoffmann, "Men and Molecules")

Se nós quiséssemos imaginar uma tarde passada em conversa com Roald Hoffmann — professor e investigador, químico e poeta — cada um de nós — investigadores nas ciências físico-químicas nalguns casos, investigadores na área das ciências sociais e humanas noutros, e, ainda, leitores/convivas entusiasmados sentados à mesa da sua poesia (que se tem vindo a publicar em colectâneas desde finais dos anos oitenta), iríamos sem dúvida ter a oportunidade de nele testemunhar a conjugação de várias

maneiras de ver o mundo, uma abordagem coerente e múltipla a este mundo que simultaneamente forjamos e nos alberga. Por umas horas encontrar-nosíamos numa situação privilegiada, i.e., a de participarmos com ele num diálogo de carácter plural e de contornos coerentes embora imprevisíveis. Teríamos, queremos crer, a ocasião rara de presenciar acima de tudo até que ponto é possível um ser humano — criatura pensante por excelência e animal consciente em busca da sua liberdade — praticar um profundo diálogo com o mundo, ora como realidade histórica, ora como fenómeno cósmico. Hoffmann, devido à nossa formação intelectual específica, será abordado aqui não como um químico que escolheu o laboratório para ser o epicentro das suas investigações e reflexões mas, antes, como o poeta que elabora um laboratório de palavras a fim de concretizar e desenvolver a sua convivência com o universo. Nesta tarde de conversa, cada um de nós — convivas imaginários de Hoffmann — iria levar consigo o entusiasmo particular das suas próprias buscas, das suas investigações científicas bem como um modo de falar peculiar, uma linguagem característica mediante a qual cada conviva presente aprendeu a contemplar o uni-

* Christopher Damien Aretta é professor auxiliar na Secção de Ciências Sociais Aplicadas (SACSA) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Organiza seminários em Ciência e Literatura e Aspectos do Pensamento Contemporâneo.

verso e, simultaneamente, interagir com ele no palco das suas reflexões, como se o mundo – cósmico e histórico – fosse o lugar de um drama profundamente humano: o guião infindo de um diálogo entre a mente e a matéria, um texto em que a humanidade e o universo se interpelam, entrecruzam e co-determinam. Contudo, este drama não nos é simplesmente dado a representar; é escrito por nós em colaboração com a matéria sem nunca termos nós direitos exclusivos de autor...

Já o sabíamos sem dúvida antes de nos deliciar com esta imaginada tarde com o químico-poeta: toda a reflexão atenta, prolongada e deveras afinada encerra e encena um momento de perplexidade e um despertar. Este despertar da consciência do investigador que aborda a questão da natureza, da causa e do significado da nossa realidade, quer histórica, quer cósmica, interioriza um momento indispensável para toda a sua reflexão subsequente: aquele momento, que pode ocorrer de modo estrondoso ou quase-imperceptível na vida de cada ser humano, em que a reflexão deixa de existir em termos de uma auto-suficiência (afinal, sempre ilusória) e se torna mais propriamente *a autobiografia da dúvida*. Toda a reflexão digna de se desenvolver nasce numa resistência: o mundo só se nos entrega condicionalmente, só se nos manifesta à luz ténue de um diálogo difícil com o real, *só se desdobra em saber quando nós próprios renascemos com ele como pergunta*. Uma conterrânea de Hoffmann, a poetisa polaca Wislawa Szymborska, recipiente do Prémio Nobel de Literatura em 1995, desenvolve poeticamente esta noção de resistência num bem conhecido poema intitulado "Conversa com a pedra". A voz que fala neste poema "bate" insistentemente "à porta" de uma "pedra" que lhe recusa a entrada. Uma intransponibilidade declara-se-nos. Por mais insistente, por mais solícita que seja esta voz humana, a pedra mantém-se fiel ao seu temperamento empedernido, pois, segundo ela, nós, seres humanos, carecemos de um sentido essencial: o de verdadeiramente pertencermos à Natureza. A "conversa", portanto, torna-se menos uma instância

de diálogo do que um drama de incommunicabilidade. Não é questão de surdez total, mas sim de ruído ininterrupto. A mente e a matéria são, digamos, convivas buliçosos e discordantes. A civilidade entre elas é precária e dissonante. É o drama fundamental do nosso universo. Não seria qualquer "conversa" entre cientistas e poetas, como esta imaginada entre químicos e também poetas no jardim da casa de Hoffmann, o cenário de ruidosas guerras epistemológicas? E, contudo, todos nós pertencemos à fundamental condição de não pertencermos ao mundo que o nosso questionamento insistente (que cresce dentro de nós "como erva" segundo afirma Hoffmann num poema que iremos abordar mais abaixo) procura tornar menos opaco: amamos mais aquilo que nos resiste.

A resistência da matéria da pedra no poema de Szymborska impera e, está claro, esta pedra tão sábia na sua petrilidade tem razão. Há uma desmedida, uma arrogância inata que nos é inerente: uma curiosidade insaciável impele-nos e leva-nos a interromper a partitura inconsciente do cosmos. Rasgamos a harmonia inconsciente do cosmos ao querermos penetrar no tecido dos seus átomos (aquelas "grandes salas vazias") no texto das suas leis porque queremos saber. Na modernidade, a única maneira de pertencermos à Natureza não reside numa contemplação passiva dos seus fenómenos mas antes na elaboração das questões mais fecundas. Somos cidadãos da curiosidade: a nossa pátria é o ponto de interrogação. Criaturas desenraizadas, autênticos nómadas ontológicos (algum dia soubemos ou sabemos quem somos?, alguma vez vislumbrámos as dimensões exactas do nosso ser?), importunamos e, perturbamos com o nosso questionamento. É a nossa maneira de ser: pertencemos ao cosmos em diagonal. Até certo ponto, só assim o universo se torna ele próprio, i.e., na memória que lhe damos ao bater à porta do seu enigma.

Na verdade, a nossa carência é o que nos permite imaginar a possibilidade de nos relacionar com a Natureza, pois relação implica necessariamente o reco-

nhecimento de uma distância, de um intervalo entre nós e algo exterior a nós, i.e., a existência de uma realidade alterna. Nós pertencemos e ao mesmo tempo não pertencemos à partitura inconsciente do cosmos. A pedra, por sua vez, obstinada e pétrea nas suas argumentações, delinea precisamente a resistência da matéria à penetração, a barreira do cosmos inconsciente face a um ser difícil e instável:

– Sou de pedra – diz a pedra –
impossível perturbar a minha seriedade.
Vai-te daqui.
Faltam-me os músculos do riso.

Bato à porta da pedra
– Abre. Sou eu.
Ouvi dizer que há em ti grandes salas
[vazias,
nunca vistas, belas em vão,
mudas, sem o eco dos passos de
[ninguém.
Reconhece que tu própria pouco sabes
[disso.

– Grandes salas e vazias – diz a pedra –
só que lá não há lugar.
Belas, talvez, mas de beleza inacessível
aos teus pobres sentidos.
Poderás reconhecer-me, mas nunca me
[conhecerás.
Em toda a superfície me volto para ti,
mas o meu interior volta-te as costas.¹

Embora possamos pressentir, leitores deste poema, uma posição quase defensiva por parte da pedra perante um ser tão frágil e ao mesmo tempo tão perturbador, o poema não se reduz a um mandamento: Proibido Entrar. Muito pelo contrário, apreciamos muito mais a discreta lição que efectivamente produz para a nossa condição de nómadas, desenraizados e insaciáveis: a resistência torna necessário compreendermos a nossa fragilidade e a nossa força. Fomos, a Tradição revela-nos, miticamente expulsos do Jardim do Éden. Na sequência da nossa abordagem ao poema de Szymborska (veja-se o poema na íntegra em Anexo), como iremos interpretar este mito milenar do modo mais positivo? Talvez se considerarmos a nossa expulsão do Paraíso não tanto como o resultado

desastroso de uma tentação satisfeita mas sim como a etapa necessária de uma vocação. Ou dito com outras palavras, só no construir de uma relação responsável e reflectida com o mundo histórico e cósmico iremos descobrir a nossa verdadeira residência na Terra. Hoffmann parece admitir esta ideia no seu poema "Perscrutadores e Determinadores" ao aludir ao mítico evento de expulsão da nossa atribulada humanidade para fora da quietude paradisíaca ao mesmo tempo que invoca a nossa subsequente história como sendo trágica, inevitável e também irresistível, i.e., inseparável da nossa identidade. Questionamos porque assim dialogamos com o universo. Procuramos reflectir sobre o universo porque até certo ponto não lhe pertencemos. A natureza humana, afirma Hoffmann, *é impulsionada a questionar a materialidade mesma desse Jardim edénico* (a composição química, digamos, desse jardim mítico bem como essa mesma matéria mítica que se traduz em conteúdo espiritual). A nossa compulsiva curiosidade e a nossa necessidade de aumentar o nosso saber definem-nos essencialmente: não exibem apenas contingências. Quer dizer: somos criaturas que produzem risco e surpresa, compreensão e desordem, civilização e caos em nome de uma consciência mais alargada, i.e., de uma maioridade cultural. Não impede que as dúvidas nos assolem e nos façam claudicar:

(...) Postulamos então, sem irmos mais longe na nossa consciência, que
[essas
melodias e piruetas feitas pela mente

e a matéria poderiam antes ter sido
permitidas continuar informadas,
[inexploradas
e nós assim sairíamos os beneficiários.

Mas não, não. Os *ur-segredos* da Natureza
não existem passivamente. Crescem
na mente como erva,

estrangulam-nos com a sua iminência
ao passo que nós somos as ferramentas
[do jardineiro –
a Natureza – que assim no-los confia.

Estes segredos não ficarão jamais ocultos.
E assim... quem dá alimento e quem
[vende,
os sacerdotes e os governadores, todos
[a nós

nos escolheram para personagens numa
tragédia. Em exaltada loucura
alimentada pela erva de tudo o que
aprendemos, aprendemos desprovidos
de escolha,

aquilo que porventura irá fazer-nos mal.
É-nos inerente a dor de saber, conhecer,
o orvalho iluminado

do rebento serpentino
do feto,
no instante de se desdobrar.
de se desocultar,
já pronto para nos consumir.²

O cientista responsabiliza-se, como todo o ser humano o deve fazer em relação aos seus actos e às consequências, directas e indirectas, das suas acções, mas não abdica dessa actividade inerentemente humana que é questionar, contemplar, duvidar e conhecer. A única maneira do Jardim do Éden perdurar em nós de modo significativo reside agora nisto: onde miticamente imperavam a fronteira intransponível de uma transcendência, o estado perpétuo de uma paz (a linguagem dos habitantes do Éden e a ordem cósmica sendo uma e única, sem imprevisibilidade nem opacidade) agora operam a transgressão de toda a fronteira em nome de uma busca de saber insaciável e a investida imparável da investigação moderna (técnico-científica) no seio da Natureza. Não se vislumbra neste poema todavia nenhuma nostalgia por um retorno ao mundo mítico expresso no poema de Hoffmann. O Jardim mítico não poderia ser nunca, no entender do poeta Hoffmann, a nossa verdadeira casa nem o nosso endereço epistemológico mais autêntico. Este retorno poderia oferecer, na melhor das hipóteses, tão-só um abrigo ilusório. A maioridade cultural, a consciencialização acarretam desamparo, pergunte-se a Fausto, herói atormentado da nossa desamparada moderni-

dade. O jardim edénico representa, isso sim, um modo de saber, uma teoria do universo, digamos, que, ao cumprir com o seu destino questionante e insatisfeito, a humanidade não pôde deixar de transgredir. Prolonga-se agora a primeira tragédia da humanidade a ser expulsa do seu paraíso no interior deste retrato poético da humanidade precisamente porque o saber, intuimos, está inextricavelmente ligado ao acto, nomeadamente, à intervenção técnico-científica nos processos da Natureza. Essa intervenção cada vez mais potente e de consequências históricas cada vez mais impactantes exige que os "perscrutadores" e os "determinadores" tomem conhecimento da fragilidade da nossa própria força que amiúde se recusa a reconhecer limites. Ora, o transgredir de todo o limite ao nível da compreensão é uma coisa; o transgredir de todo o limite a nível moral é bem outra. Aliás, sabemos-lo após a experiência sombria do século vinte: pode haver progresso no domínio de saber tecnológico ao mesmo tempo que reina um período de extrema barbárie³. Assim, o novo mito – o mito que organiza a nossa sensibilidade contemporânea de modo tão vigente – é o da nossa racionalidade triunfal mas trágica, o da autoconsciência de uma vocação histórica libertadora e cruel. Contudo, Hoffmann valoriza esta vocação sem furtar-se ao seu fardo moral ao passo que o filósofo Martin Heidegger (veja-se citação em epígrafe) vê mais exclusivamente pairar a ameaça e o empobrecimento sempre que as linguagens técnicas predominam na cultura humana. As questões que Heidegger levanta são pertinentes e promovem o aprofundar das nossas reflexões. Talvez a nossa conversa imaginada com Hoffmann iria promover uma maior capacidade de acolhimento do discurso do Outro, i.e., do do cientista por parte do poeta, do do poeta por parte do cientista. Resultaria disto uma experiência de maior *civilidade epistemológica*, uma consciência partilhada de unidade (embora nunca apaziguada) entre as várias linguagens de investigação do real. Afinal de contas, somos dotados da capacidade de acolher aquilo que nós é refractário.

Consequentemente, a poesia de Hoffmann, tal como a poesia do poeta português António Gedeão (pseudónimo do professor de ciências físico-químicas e historiador da ciência Rómulo de Carvalho)⁴ incorpora na sua poesia um forte impulso pedagógico. Por um lado, o químico Hoffmann deseja educar os nossos poetas: ensiná-los a ver o universo em que homens e moléculas sejam finalmente vistos como parentes próximos na grande família cósmica. Para tal, devemos ser aprendizes permanentes, as nossas pedagogias devem ser a realização de um saber baseado no questionamento, a nossa ética deve constituir a prática do diálogo acima de todo o discurso meramente utilitário. O ser humano (os poetas sabem-no muito bem) é criador de relações de proximidade entre os seres e as coisas (vejam-se os versos de Hoffmann citados em epígrafe em que o poeta recorda o parentesco profundo entre moléculas e seres humanos) mais do que consumidor de utilidades. O que o cientista-poeta pode ensinar-nos, quer sejamos poetas ou não, é a continuidade patente entre o infinito e o ínfimo, entre o visível e o invisível, entre a palavra e a matéria: tudo existe num horizonte de questionamento, no desejo urgente de narrar o mundo que observamos, investigamos e habitamos.

Recordando de novo a nossa conversa decorrida em Ítaca, Nova Iorque, nos arredores do *campus* da Universidade de Cornell, vemos como é fecundo contemplarmos uma certa paisagem temática, um certo percurso de ideias que nos envolvem a todos num mesmo exercício de elucidação de sombras, i.e., numa estruturação das nossas dúvidas, essas mesmas dúvidas que potenciam o nosso desejo de comunicação uns com os outros. Um desejo que nos une por sua vez numa mesma tensão criativa: a de procurarmos pela vida fora os instrumentos mais poderosos e incisivos para nos aproximarmos do real. Embora não possuamos o "sentido de pertencer" segundo a "pedra" do poema já abordado, persistimos: *queremos chegar a poder tratar o universo por tu*. Mais: desejamos elevar esse tu ao seu estatuto mais estranhamente humano: um universo

que se consubstancia com a nossa condição histórica. Só ao abandonarmos o jardim edénico é que ele renasceu dentro de nós em forma de pergunta e relação; só no momento de morrermos para o mito do Génesis é que nascemos para o mundo. Só na medida em que o universo nos resiste é que descobriremos a nossa verdadeira identidade. O universo está intimamente relacionado connosco, por assim dizer, mas jamais de modo dado e imediato. O desafio reside no seguinte: como iremos atingir, digamos, o mundo em toda a sua superfície complexa? Como iremos articular a sua omnipresente e omni-activa literalidade (à espera dos seus tradutores e co-autores que somos nós)?

O poema "Evolution" de Hoffmann proporciona-nos uma experiência desta literalidade extática que o poeta e o químico bem conhecem. Neste poema que abre a segunda colectânea de poemas publicada por Hoffmann, em 1990, faz com que o poeta e o químico que nele residem manifestem a sua íntima co-autoria na sua compreensão do mundo. Entrelando a descrição de químicos operativos nos insectos empregues para fins de reprodução e identificação mútua com apontamentos diarísticos da sua vida doméstica – num Domingo soalheiro – com todos os seus rituais matinais, a linguagem do poema lentamente adquire uma densidade enigmática. Cria-se no leitor um estado de suave expectativa. O que estará a acontecer nestes versos? O que quererá transmitir-nos? Como poderemos compreender este momento? Que saber frágil encerrará?

*The pheromone has three components:
one from the male, frontalin,
exo-brevicomin wafted by the female
and (ingenious)
abundant, pitch-smelling myrcene
from the host pine.
I had written this the night before,
broken it down into short lines.
When I woke up Sunday and sat down
[to work,
quietly, with a second cup of coffee,
the sun was on my desk.]⁵*

O que consegue aqui o poeta? Nestes poucos versos onde se destaca a transparência descritiva, i.e., uma deliberada aproximação estilística do poema à escrita de um naturalista em vias de transmitir as suas observações da vida natural numa linguagem denotativa, Hoffmann demonstra no poema como a escrita do mundo natural e a escrita íntima do nosso ser se podem fundir numa única superfície textual. Ciência e poesia podem, por assim dizer, formar um único tecido sem costura. Podem produzir um fio ininterrupto de revelação. Lemos ao mesmo tempo aqui o livro da Natureza – as suas maravilhosas reacções químicas, por exemplo – e, porque não?, a reacção íntima entre Hoffmann e a Natureza, a matéria e uma consciência apreendidas num momento de apreensão única que o poema regista. Primeiro, porém, as diferenças devem ser consideradas. As fronteiras do mundo natural e as fronteiras do acto de significação que concretiza o poema não coincidem exactamente nem imediatamente. Como poderiam? A escrita não é um processo natural mas sim uma invenção humana. Cabe a nós, leitores, traçar um percurso entre ambas. Só assim, na nossa capacidade de imaginar uma relação no interior da diferença (mundo natural por um lado, mundo subjectivo por outro), poderemos compreender a sua até agora invisível unidade de significação. A mente e a matéria formam aqui uma experiência de apreensão congeminada que o poema precipita. Porventura esta ideia de uma apreensão congeminada actue noutra poema de Hoffmann: "Next Slide, Please" (veja-se o poema na íntegra no Anexo), publicado na sua primeira colectânea de poemas, em 1987. Neste poema lemos a transcrição *ipsis verbis* de uma conferência proferida pelo químico Hoffmann. No poema, a apresentação em verso lembra-nos, porém, de que todo o acto de significação jamais se limita a um mero acto de citação ou de reprodução de um significado anteriormente estabelecido. Toda a citação é inerentemente provocadora ou, até, subversiva. Mesmo quando Hoffmann se cita a si próprio, trasladando um momento de comunicação científica

para uma nova concretização poética, o resultado é inesperado. O poema é, digamos, experimentalmente muito frutífero. O que muda então neste poema em relação à sua encarnação anterior sob a forma de uma comunicação feita plausivelmente numa reunião de colegas de investigação? Talvez isto: o mundo não envelhece desde que o vivamos e pensemos num acto de êxtase investigativo e de escuta intensa. Temos uma multiplicidade de linguagens que renovam a relação entre a mente e a matéria. Daí que cada linguagem seja aparentada com todas as outras. Numa conversa entre estas linguagens (recorde-se que estamos nós todos sentados no jardim de Hoffmann, poetas e químicos), cada uma capta à sua maneira. Nenhuma usurpa o valor das outras, nenhuma conhece uma fronteira intransponível: enraízam-se, portanto, na experiência de uma paixão comum.

O poema é uma espécie de reacção química em si: como o macho e a fêmea que se referem nos versos supracitados, compelidos a realizar os seus rituais de atracção e sedução por via de feromonas, o poema reúne o mundo, o poeta e o leitor num drama de intimidade também. O sol cuja luminosidade ilumina a sua mesa de trabalho permite-nos presentir uma revelação vindoura. Essa revelação ocorre precisamente no último verso do poema "Evolution": "Then I saw you walking on the hill". Afinal de contas, todo o poema desemboca na experiência extática do visionamento da companheira. Este "you" aparece ao modo de uma revelação, a epifania da bem amada. É a coroação lírica, porém, de toda uma série de dramas entre eus e tus, entre insectos em pleno acto de sedução hormonal, entre o olhar do naturalista e o coração do amante, entre o observar científico e a visão extática. Tudo no poema comunica a relação entre uma criatura pensante e o universo como sendo a de uma revelação amorosa contínua.

O poeta sabe – sem nunca tê-lo aprendido directamente de ninguém (antes por aturada convivência com as coisas cuja muda inteligência ajuda a guiar o seu lento processo de autoconhecimen-

to) – que a palavra é ao mesmo tempo ferramenta (de descoberta, de descrição ou, até, de poética transposição metafórica a fim de estender todo o acto de significação) bem como um estado de discernimento excepcional: o mundo renasce na folha de papel, ou no ecrã do computador, ou, ainda na translucidez de uma cognição extática. Num momento de suprema excitação dialogante com o mundo, o poema faz com que a inteligibilidade do mundo emerja como novo horizonte enigmático e instância de (urgente) comunicabilidade. No acto de escrever o poema, o mundo adquire uma nova forma de concretização, uma nova dimensão de visibilidade para um ser que nasceu vocacionado para alargar continuamente os seus territórios de reflexão e actuação. O poema fornece um mapa de indagação fora da topografia mítica daquele jardim perdido.

Hoffmann, o poeta, vocacionado para o diálogo entre o saber das moléculas e a urgência das palavras, sabe que tudo o que realmente merece a nossa atenção reside fora dos confins da percepção habitual. O léxico especializado do cientista é como um dissolvente que elimina as imprecisões presentes no que é mais toscamente empírico; a dicção do poeta, por sua vez, não é uma pose nem uma artificiosidade verbal, mas, sim, fruto da sua tentativa de trazer à superfície linguística do seu poema uma apreensão intensificada do vivencial. Haverá especialização em termos de linguagem poética? Sim, mas, paradoxo!, apenas na medida em que a linguagem poética *não renega* a linguagem ordinária normalmente empregue por nós ao descrevermos as nossas experiências quotidianas. A linguagem poética não é distinguível da linguagem ordinária, não possui um léxico diferente nem patenteia necessariamente um conteúdo metafórico estatisticamente mais elevado em relação à linguagem que empregamos para descrever, por exemplo, o tempo ou as actualidades políticas. A poesia não impõe uma lei própria que seja incomensurável com a linguagem da praça pública ou do *boudoir*: a poesia simplesmente torna radicalmente visível os *partis pris* da comunicação quotidiana. A poesia não se escamoteia da

realidade quotidiana nem a sublima em sofisticadas alquimias verbais; *a poesia devolve-no-la*. A poesia pertence ao passado e ao futuro do mundo; é um dos modos que possuímos para autenticamente habitar a Terra. Ao surgir o primeiro poema da humanidade, o ser humano e os seus amigos e adversários entenderam o mundo não como pura presença dada ou imediata, mas, sim, como presença conquistada, como superfície deslumbrante, como texto iminentemente legível. Só assim, nos milénios de existência desta criatura pensante, no suceder de gerações sucessivas deste ser complexo, no regenerar e degradar das suas culturas, etc., é que o mundo nunca se tornou decrépito; o poema é, à semelhança da luz, uma medida intransponível, uma velocidade mental, um evento de compreensão inaugural. O poema é, afinal de contas, um pedaço de imaginação genesiaca: o que nasce com ele é uma compreensão renovada da nossa condição histórica e cósmica.

Daí a significância, parece-nos, do subtítulo que Hoffmann atribui à sua primeira colectânea de poemas, *The Metamict State*, em que define o termo "metamict" mediante as seguintes palavras que aqui traduzimos para português: "um estado pouco usual da matéria, amorfo devido ao facto de haver a ruptura da estrutura cristalina provocada por radiação proveniente de átomos radioactivos contidos ou próximos". Frisamos a característica pouco usual e amorfa deste estado: um estado que nos parece servir de modelo metafórico para o acto de escrever poesia em si, i.e., a poesia interpela a nossa consciência historicamente formada de um modo pouco usual, criando uma profunda perturbação ao nível da sua estrutura normal. O estado "metamict" define uma maneira excepcional de incidir sobre o mundo: num evento de mutação radical, o real é reconfigurado (tornado momentaneamente "amorfo" em relação à sua compreensão habitual) e revela nova significação. Será que Hoffmann nos estará a confidenciar uma convicção de poeta? Ou seja, que a poesia e a ciência representam modos diversos mas profundamente aparentados

de aproximação ao real? Nenhuma linguagem específica, quer das ciências naturais, quer das ciências humanísticas, reproduz o mundo em saber fixo e permanente: no diálogo entre a mente e a matéria, entre um ser pensante e a tradição de reflexão a que historicamente pertence, tudo se torna "metamict". O poeta e o cientista aumentam a nossa capacidade de vermos e de nos vermos: fazem da nossa ignorância crónica uma opacidade viva. Aumentam a nossa capacidade de nos surpreendermos. Quer dizer: no exílio antigo que nos afastou do Éden mítico, confrontamo-nos com o desamparo divino, com o desenraizamento sentido no fundo do nosso ser, lá onde descobrimos precisamente não só uma vocação mas também a nossa liberdade.

O Jardim de hoje em dia tem também a sua árvore de conhecimento do Bem e do Mal. Hoje, porém, persistimos em comer a fruta desta árvore. Porque assim o devemos fazer. O território que este jardim encerra é o do nosso olhar consciente; somos, como diz Hoffmann, os seus jardineiros. E o que chegamos a conhecer representa um misto de teoria, acto, desconsolo e êxtase. Cada dia inauguramos uma conversa com aquilo que não compreendemos, que não se nos entrega de modo imediato. (Neste Jardim, a serpente – que adivinhou o nosso desejo de saber – representa a resistência, não a tentação!)

Final nunca perdemos o Jardim; levamo-lo connosco.

Anexo

1. "A Diferença entre a Arte e a Ciência"

Deste quadro de Munch,
retrato de um ser angustiado numa
[ponte,

as mãos cobrindo as orelhas, o observador
poderia raspar uma amostra cor de laranja

do tamanho de um micron. Poderia a
[seguir
colocá-la numa lamela, afinar então

os velozes raios de luz que orbitam
por debaixo dos parques de estacionamento e dos campos de

futebol, e, incentivados pelo empurrão
imaterial do imã, por fim
[fazer incidirem, pois é esse

o seu ofício, as partículas da sonda
(sofisticadas pedras calibradas)

na amostra de pintura, até elas inscrevem
[verem
o seu impacto violento. A busca

cinge-se a este determinar da força do
[grito.
Mas o sondar das partículas resulta

demasiado violento – elas perturbam e
[desamarram
as moléculas da pintura demonstrando,

manifestamente o princípio de incerteza.
Eis o quadro suspenso;

céu e cais noruegueses
repercutem o grito, projectam-no qual
[luz

Para dentro do crânio do observador.
Ali, em eco, efectuam uma transformação.

(Roald Hoffmann, *The Metamict State*, Orlando: University of Central Florida Press, 1987, 89) (tradução nossa)

2. "Perscrutadores e Determinadores"

Começa-se por tirar amostras, escolhendo
as excrescências da abundante Natureza
e, a seguir, escutam os insistentemente
[o código

pulsante que sai do nosso tambor de
bricoleur. Associar-
-lhe uma equação diferencial, simular,
reduzir... ah, isso tudo é
[termos poder,
domínio, e,
afinal de contas
nada difícil,
pois alguns de nós,
desde a nossa juventude dotada,
aprendemos muito bem as nossas lições.

Os padrões pulsam ininterruptamente,
[logo revelados

a ouvidos afinados em Osaka
e Heidelberg, bem como em Itaca.

Ei-nos portanto, heróis pouco
carismáticos do mito do progresso
Oh!, como gostamos de nos pavonear
[uns diante

de outros, nas filigranas
das nossas linguagens, nos entrelaçados
que traçamos sobre um caos desma-
[carado.

Mas o mundo inventou ainda outros
bem indispensáveis participantes do
[drama,
guardiões de homens e de bens,

assassinos, protectores e guerreiros.
Aqueles que determinam o momento,
Ora de curar, ora de matar, ora de com-
[primir

o nosso saber a fim de potenciar as suas
ferramentas.
As nossas ferramentas.
Aqueles que administram, de boa vontade
e de vez

em quando
deitam bombas
e matam lagos prístinos pela caminho.

E se acharmos que aqueles governam
O mundo sem sensatez, afirmo que
nós não faríamos melhor.

Alguns dos perscrutadores têm dúvidas:
Temos nós afinal culpa por ter, com a
sabida precisão da agitada dança dos
[electrões

nas suas redes cristalinas, libertado no
mundo os segredos dos raios, lâminas,
as rodas dos tanques com que *aqueles*
[forjam

o fim do mundo? Postulamos então, sem
[irmos
mais longe na nossa consciência, que
[essas
melodias e piruetas pela mente

e a matéria poderiam antes ter sido
permitidas continuar informúladas,
[inexploradas

e nós assim sairíamos os beneficiários.

Mas não, não. Os *ur-segredos* da Natureza
não existem passivamente. Crescem
na mente como erva,

estrangulam-nos com a sua iminência
ao passo que nós somos as ferramentas
[do jardineiro –
a Natureza – que assim no-los confi-
[dencia.

Estes segredos não ficarão jamais ocultos.
E assim... quem dá alimento e quem
[vende,
os sacerdotes e os governadores, todos
[a nós

nos escolheram para personagens
[numa tragédia. Em
exaltada loucura alimentada pela erva
[de tudo o que
aprendemos, aprendemos também,
[desprovidos de escolha,

aquilo que porventura irá fazer-nos mal.
É-nos inerente a dor de saber, conhecer,
o orvalho iluminado

do rebento serpentino
do feto,
no instante de se desdobrar,
de se desocultar
já pronta para nos consumir.

(Roald Hoffmann, *The Metamict State*,
55–57) (tradução nossa)

3. "Next Slide, Please"

there was no question that the reaction
[worked
but transient colors were seen
in the slurry of sodium methoxide in
[dichloromethane
and we got a whole lot of products
for which we can't sort out the kinetics
the next slide will show
the most important part
very rapidly
within two minutes
and I forgot to say on further warming
we get in fact the ketone
you can't read it on the slides
but I refer to the structure you saw before
the low temperature infrared spectrum
as I say
gives very direct evidence

so does the NMR
we calculated it
throwing away the geminal coupling
which is of course wrong
there is a difference of 0.9 parts per mil-
[lion

and it is a singlet
and sharp
which means two things
either
you're doing this NMR in excess metho-
[xide

and it's exchanging
or
I would hazard a guess
that certainly in these nucleophilic
[conditions

there could well be
an alternative path
to the one enone you see there
it's difficult to see
you could monitor this quite well in the
[infrared

I'm sorry in the NMR
my time is up I see
Well this is a brief summary of our work
not all of which
I've had time to go into
in as much detail as I wanted
today.

(Roald Hoffmann, *The Metamict State*, Or-
lando: University of Central Florida Press,
1987-89, 51–52)

4. "Evolution"

I had written three pages
on how insects are such good chemists,
[citing
the silkworm sex attractant,
and the bombardier beetle,
spraying out hot hydrogen peroxide
[when threatened.
And I was in the middle
of telling the story of the western pine
[beetle,
which has an aggregation pheromone
calling all comers (of that species).
The pheromone has three components:
one from the male, frontalin,
exo-brevicomin wafted by the female
and (ingenious)
abundant, pitch-smelling myrcene
from the host pine.
I had written this the night before,
broken it down into short lines.

When I woke up Sunday and sat down
[to work,
quietly, with a second cup of coffee,
the sun was on my desk.
I had some flowers I had picked on the
[hill
in a vase: bush lupine, California pop-
[pies,
and some of the grass that grows here.
On the grass stalks the bracts were a few
[centimeters apart.
They were beige, finely lined husks,
their line set by a dark spikelet,
more like a stiffened flagellum than a
[thorn.
A hint of something feathered inside.
The sun's warmth had burst some of the
[pods,
which had fallen on the draft
(the words were lost in the sun), fallen
by chance next to the shadows of seed
[still hanging, and,
the grass seed,
like dormant grasshoppers,
legs of now bent spikelets
cast second, finer shadows.
Then I saw you walking on the hill.

(Roald Hoffmann, *Gaps and Verges*, Orlando:
University of Central Florida Press, 1990, 3)

5. "Conversa com a pedra"

Bato à porta da pedra.
– Abre. Sou eu.
Quero entrar dentro de ti,
Olhar tudo ao meu redor,
respirar-te.

– Vai-te embora – diz a pedra.
Estou hermeticamente fechada.
Mesmo feitas em pedaços
estamos hermeticamente fechadas.
Mesmo em areia desfeitas
não abrimos a ninguém.

Bato à porta da pedra.
– Abre. Sou eu.
Venho por pura curiosidade.
A vida é a única ocasião para a satisfazer.
Tencionava passar pelo teu palácio
e depois visitar ainda a folha e a gota de
[água.
Não tenho muito tempo para isto tudo.
O meu ser mortal devia comover-te.

– Sou de pedra – diz a pedra –

impossível perturbar a minha seriedade.
Vai-te daqui.
Faltam-me os músculos do riso.

Bato à porta da pedra
— Abre. Sou eu.
Ouvi dizer que há em ti grandes salas
[vazias,
nunca vistas, belas em vão,
mudas, sem o eco dos passos de
[ninguém.
Reconhece que tu própria pouco sabes
[disso.

— Grandes salas e vazias — diz a pedra —
só que lá não há lugar.
Belas, talvez, mas de beleza inacessível
aos teus pobres sentidos.
Poderás reconhecer-me, mas nunca me
[conhecerás.
Em toda a superfície me volto para ti,
mas o meu interior volta-te as costas.

Bato à porta da pedra.
— Abre. Sou eu.
Não procuro em ti eterno asilo.
Não me sinto infeliz.
Não sou um sem-abrigo.
O meu mundo é digno de regresso.
Hei-de entrar e sair de mãos vazias.
E como prova real de ter estado,
não apresentarei senão palavras
a que ninguém dará crédito.

— Não entras — diz a pedra.
Falta-te sentido de participação.
E nenhum outro sentido pode substituí-lo.
Nem um olhar omnividente
te servirá de nada sem esse sentido.
Não entras. Em ti esse sentido é vaga
[intenção.
Vago o seu germe, a sua concepção.

Bato à porta da pedra.
— Abre. Sou eu.
Não posso esperar dois mil séculos
para me recolher ao teu telhado.

— Se não acreditas em mim — diz a pedra —
vai ter com a folha, dir-te-á o mesmo.
Com a gota de água e o mesmo te dirá.
Pergunta por fim a um cabelo da tua
[própria cabeça.
Estou prestes a rir às gargalhadas
de rir como a minha natureza me
[impede de rir.

Bato à porta da pedra.

— Abre. Sou eu.

— Não tenho porta — diz a pedra.

(Wisława Szymborska, *Paisagem Com Grão De Areia*, trad. Júlio Sousa Gomes, Lisboa: Relógio D'Água, 1998, 56–63)

Notas

1 Wisława Szymborska, *Paisagem Com Grão De Areia*, trad. Júlio Sousa Gomes, Lisboa: Relógio D'Água, 1996, 59, 61.

2 Roald Hoffmann, *The Metamict State*, Orlando: University of Central Florida Press, 1987, 56–57. (tradução nossa)

3 Paul Tillich, o teólogo protestante de origem alemã, proporciona-nos, numa célebre conferência intitulada "Fronteiras", uma síntese excelente desta nossa situação moderna:

A força tremenda da ideia progressista enraizara-se, em primeiro lugar, na verificação de existirem exemplos de progresso no que respeita ao domínio técnico e científico. Mas esta verificação era inadequada, e o que agora nos incumbe é a demonstração dos elementos não-progressistas vigentes na realidade e na cultura. (...) O princípio geral que se aplica aqui é: onde existe a liberdade de contrariar a realização do nosso ser, é precisamente onde se quebra a lei do progresso. A liberdade que tem o ser humano de contrariar a sua própria autorealização plena quebra a lei do progresso. Esta liberdade não é senão o acto moral, actualizado todos os dias inúmeras vezes. Não há progresso no que respeita ao acto moral precisamente porque não existe nenhuma moralidade sem haver concomitantemente decisões livremente tomadas; sem a consciência do nosso poder de traírmos e descentrarmos o nosso ser. Significa isto que cada indivíduo representa um começo e deve tomar decisões morais por mais ou menos culto que seja. A rebarbarização do povo alemão [durante o regime nazi] era incompreensível para aqueles que se aliavam a uma fé no progresso.

(in *The Future of Religions*, (O Futuro das Religiões), ed. Jerald C. Brauer, New York: Harper & Row, Publishers, 1967, 71.)

4 É curioso notar que ambos cientistas começaram a publicar a sua poesia já depois de terem orçado os cinquenta anos de idade. Ambos produzem uma poesia cunhada numa linguagem de notável destilação que ironiza precisamente a fronteira entre

linguagens ou modos de aproximação ao real considerados divergentes e, até, irreconciliáveis, nomeadamente, a fronteira considerada intransponível entre a ciência e a literatura. Ambos são autores de poemas que questionam a ideia de uma radical resistência entre os vários modos de aproximação. Não antes, porém, de acentuar, quase até ao ponto de ruptura, as suas reais diferenças. São nitidamente poetas da fronteira e do interstício, portanto. Onde não há fronteira, não há diferença, mas também, sem a fronteira, não há nem comunicação nem resistência reveladora.

5 in Roald Hoffmann, *Gaps and Verges* (Lacunae e Bordas), Orlando: University of Central Florida Press, 1990, 3. Apresentamos os excertos deste poema na sua língua original devido à complexidade lexical e à lógica sincopada da sua sintaxe. Futuramente, esperamos poder preparar uma antologia de poemas de Hoffmann em tradução portuguesa.

Nota Biográfica

Roald Hoffmann nasceu em 1937, numa cidade que pertencia então à Polónia (actualmente à União Soviética). Fugindo à ocupação nazi e, após vários anos de existência instável passada viajando pela Europa fora, consegue emigrar, junto com a sua mãe e o padrasto, para os Estados Unidos em 1949. Doutorou-se em Física Química pela Universidade de Harvard, lecciona e investiga na área de química teórica na Universidade de Cornell desde 1965.

As suas áreas de investigação são múltiplas, uma actividade multifacética que lhe granjeou vários prémios, incluindo o Prémio Nobel de Química de 1981, que partilhou com Kenichi Fukui. Hoffmann interessa-se particularmente pela geometria e pela reactividade das moléculas bem como pela tentativa de explicar as estruturas das moléculas mediante o cálculo das trajectórias dos electrões destas moléculas. Agrada-lhe designar esta amálgama de cálculos gerados experimentalmente junto com a construção de modelos generalizados como sendo uma "química teórica aplicada".

Hoffmann começou a publicar poemas nos anos oitenta, tendo publicado a sua primeira colectânea de poesia em 1987.